

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FOBIA NO SEMINÁRIO FORMAÇÕES DO INCONSCIENTE

Ana Lúcia Bastos Falcão

No Seminário Formações do Inconsciente, Lacan valoriza o papel do significante no Inconsciente e amplia a importância do complexo de Édipo às relações pré-edípicas, especialmente na psicose e na perversão.

É, no entanto, em relação às interpretações do complexo de Édipo realista, sociológica e ambientalista que faz críticas.

Ressalta como questão essencial do Édipo a introdução da função do pai, pondo o complexo de Castração como mecanismo do complexo de Édipo, via pela qual o sujeito se constitui, saída da relação devoradora mãe-criança. E, justamente ao colocar como questão primordial a função do pai, Lacan introduz a dimensão da ordem do significante.

“O Pai - Lei sem palavras” (p. 26, Lacan, SRI)

Lacan desenvolve a conceitualização acerca da função paterna enfatizando que, embora ela encarne “em pessoas que suportarão ou não esta autoridade” (p.81, Lacan, S V), o que possibilita o sujeito ascender a esta dimensão do nome-do-pai não é a “personalidade” do pai, as características ou o status de sua relação com a mãe etc... Não é porque o pai bota “avental para lavar os pratos” (p.81, Lacan, S V), se é um homem inteligente, “um idiota” (Lacan, S V), um intelectual, um frouxo, se divide as tarefas democraticamente com a mãe, ou é um pai aterrorizador que esta função será exercida. Enfim. os atributos e adjetivos não darão substancialidade ao exercício desta função nem garantirão sua eficácia, pois, o direito a ocupá-la não é adquirido ex-cathedra (p. 99, Lacan, S V). O pai porta a lei, é investido pelo significante do pai mas não cria a Lei.

Em 1953, na Sociedade Francesa de Psicanálise, Lacan se referiu ao “neurótico sempre viver daquilo que comporta ao máximo elementos de incerteza, a duração da vida, a paternidade” (p.25, Lacan, SIR), pois não há evidência sensível. “Tudo quanto está na realidade humana constrói, e constrói primitivamente, por certas relações simbólicas que podem depois encontrar sua confirmação na realidade. O pai é efetivamente o genitor. Mas antes que o saibamos, com

certeza o nome-do-pai cria a função do pai”(p.25,Lacan, SIR).

O nome-do-pai é símbolo, presença de uma ausência: “Não é uma elaboração da sensação nem da realidade” que “introduz na realidade humana algo diferente que constitui todos os objetos primitivos de verdade”(p.25, Lacan, SIR). Freud, ao longo de sua obra, salientou a referência à mãe associada a tudo o que é da ordem do sensível, dos sentidos físicos opondo a referência ao pai como algo a ser elaborado de forma precisa. Lacan, talvez, tenha criado o conceito de nome-do-pai, baseando-se nesta referência a esse algo a ser elaborado.

Neste sentido distingue o nome-do-pai do pai da realidade, salientando que “não há muita necessidade dele estar presente para que ele falte pois sua falta está a nível da ausência do símbolo”(Lacan) e não da ausência física propriamente dita.

A confusão, presente na História da Psicanálise, retorna sempre à dificuldade em aceitar a abstração substancial do conceito de Inconsciente com uma realidade psíquica radicalmente diferente da realidade material. Para a Psicanálise é a palavra que faz o intercâmbio, o atravessamento entre “interior” e “exterior”. É, portanto, no “interior”, no Inconsciente do sujeito que se encontra a metáfora.

O Caso do Pequeno Hans

Desde o Seminário Relação de Objeto, Lacan se remeteu ao caso do Pequeno Hans, no qual Hans teria evocado a fobia para operacionalizar a castração, fazendo suplência a função paterna através de seu sintoma. Hans buscou através da fobia, este momento de parada da angústia utilizando o deslize de significantes: cavalos, carroça, medo que os cavalos caíam etc... até chegar ao encanador que atarracha e desatarracha algo, desassujeitando Hans.

Posteriormente, no Seminário Formações do Inconsciente o caso do Pequeno Hans é retomado. Enfatiza os registros da função paterna, Simbólico, Imaginário, Real; a distinção entre realidade e realidade psíquica, pai da realidade e o que faz sentido para o Pequeno Hans.

Lacan acentua mais uma vez suas observações acerca do pai de Hans, explicitando críticas a algumas interpretações do caso. Refere-se ao caso salientando que não é que o pai de Hans fôsse ruim, bonzinho demais ou não estivesse presente na família, pois ele estava tão presente e se preocupava tanto com seu filho, até o levou a Freud e, apesar de toda sua gentileza, Hans só encontrou como solução em uma dada época a fobia. É justamente a falta de consistência da palavra do pai que leva Hans a buscar como saída única temer cavalos, patadas de cavalos, quedas de cavalo etc... ele não temia a palavra do pai. Neste sentido, falta a presença do pai de Hans no complexo de Édipo para Hans poder se desassujeitar dos caprichos daquilo de que a mãe

depende, enfim, para poder sair da posição passiva de objeto imaginário do desejo da mãe.

A dificuldade do pai de Hans de se colocar nesta posição de privador do desejo materno, lugar reconhecido como de “depositário legal”(p. 73,Dör,Clínica Psicanalítica) do fálus, faz Hans ter o sintoma. No caso Hans, para ele se tornar “um pequeno homem”, ter seu fálus, seu próprio “instrumento”, ele precisava ser “bem castrado”, consequência da consistência no exercício da função de Pai Simbólico e da adjudicação da palavra de seu pai pela sua mãe . Era, mais precisamente, o Pai de Hans que deveria privar a mãe de Hans do seu objeto de desejo. A castração é um ato simbólico cujo agente é alguém real”(p.92, Lacan,SV). É o reconhecimento que a mãe faz da palavra do pai o que permite a substituição do significante deslizar do “x” - significado, desejo da mãe - para o pai. A mãe de Hans, no entanto, não torna isto possível, permite Hans em sua “intimidade”, em sua cama... Hans nas mostrações de seu instrumento “o faz –pipi”, se exhibe mostrando as primeiras manifestações do seu instinto sexual para sua mãe. Mas ela o ameaça dizendo que o Dr. vai cortar seu pênis, manda que ele tire sua mão daquela “porcaria”, desvaloriza e deprecia Hans .

Enfim, Freud atendeu Hans e, foi só através da palavra do “Professor” Freud ocupando o lugar do Pai Simbólico que o pai de Hans teve sua palavra reconhecida, seu lugar legitimado com sua investidura elementar.

Bibliografia

- 1 - Chaves, Maria Adriana Coutinho - Resumo Comentado do Caso: “Pequeno Hans” - Recife Trabalho apresentado no Movimento - in mimeo - 06/12/1996
- 2 - Coelho, Maria Izabel da Cruz Pires Coelho - Fobia em Freud - Recife Trabalho apresentado no Movimento - in mimeo - 06/12/1996
- 3 - Freud, Sigmund - Análise de uma fobia em um menino de cinco anos - Obras Completas V. X - ed.Standart - Rio de Janeiro- Imago - 1987
- 4 - Dör, Joel - Clínica Psicanalítica - Porto Alegre - Artes Médicas - 1996
- 5 - Lacan, Jacques Formações do Inconsciente Seminário V 1957-58 - in mimeo
- 6 - Lacan, Jacques - O Simbólico, O Imaginário e O Real - conferência de 08 de julho de 1953 na Sociedade Francesa de Psicanálise - Veredas - Recife - publicação Traço Veredas Lacanianas - in mimeo
- 7 - Lacan, Jacques - A Relação de objeto e as estruturas freudianas Seminário IV 1956-57- Recife - in mimeo

Texto apresentado na Jornada do Traço Freudiano Veredas Lacanianas no dia 12 de abril de 1997

Observar

Referências de Adriana:

Texto a Negativa - a afirmativa

A Dissolução Complexo de Édipo - 19 - 215

Romance Familiar 9 pag 243

Inibição, Sintoma e Angústia (x) 20:102

Cinco Lições de Psicanálise 11:13

O Estranhos 17 : 275

A Negativo 19 : 295

Sexualidade Feminina 21 : 259
Complexa de Castração 16 : 371 n1
Édipo 1: 345 n2
359 n2
4 : 279 n1
“De dentro e fora” 14: 139 n2
21 : 84 n2

frustração - a intimidação precoce

TEXTO “O Simbólico, O Imaginário e O Real- conferência de 08 de julho de 1953 na Sociedade Francesa de Psicanálise” - Jacques Lacan

(p 25) ... “o neurótico vive sempre no registro daquilo que comporta ao máximo elementos de incerteza, daquilo que ele designa por ‘a duração da vida’, ‘a paternidade’...Tudo quanto não tem evidência sensível. Tudo quanto está na realidade humana constrói, e constrói primitivamente, por certas relações simbólicas que podem depois encontrar sua confirmação na realidade. O pai é efetivamente o genitor. Mas antes que o saibamos, com certeza o nome-do-pai cria a função do pai”.

“Creio, pois, que o símbolo não é uma elaboração da sensação nem da realidade. Aquilo que é propriamente simbólico(e os símbolos mais primitivos) é outra coisa, que introduz na realidade humana algo diferente que constitui todos os objetos primitivos de verdade.”

p 26 “o pai foi somente um sobre-eu (surmoi), isto é, “Lei sem palavra” na medida em que isto é constitutivo da neurose, que a neurose está definida pela transferência.

